

NATUREZA: PATRIMÔNIO E PRESENTE – Possibilidades de significar assim desde criança

Ana Paula Lopes¹
Bárbara Buarque de Macedo Lira²
Daniel Cosendey Gomes³
Lucas Figueiredo⁴
Dalva Pinheiro⁵
Liorno Werneck⁶

Educação Ambiental

Resumo

O presente trabalho relaciona o patrimônio de um povo e os bens naturais deste como substâncias vivas e intrínsecas à existência dos seres humanos. A partir dessa relação objetiva-se analisar qualitativamente uma ação de educação ambiental realizada na Unidade de Educação Infantil localizada na Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro, Brasil. A análise realizada sustenta-se pelo levantamento bibliográfico de pesquisas científicas já realizadas em diferentes regiões dos Estados Unidos e Alemanha, que afirmam os efeitos positivos ao desenvolvimento da criança, devido a vivência criança e natureza. Conclui-se que os estudos realizados em diferentes países evidenciam a relevância, globalidade e interesse a todos os seres humanos da interação desde a infância com a natureza, e os resultados desta interação indicam efeitos impactantes na subjetividade dos humanos e na sua disposição de conservação do patrimônio natural.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Desenvolvimento Infantil; Patrimônio Natural; Conservação Ambiental.

INTRODUÇÃO

O patrimônio é definido a partir da relação sociocultural com determinada área, construção, costume, comida, dança, entre outros. O patrimônio expressa a história de um

¹Prof. Dra. de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, anapaulalopes.uff@gmail.com.

²Aluna do curso de graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, barbaralira@id.uff.br.

³Aluno do do curso de graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, danielcga@id.uff.br.

⁴Aluno do curso de graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, lucasfelippe@id.uff.br.

⁵Prof., Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, pinheiro.rio@gmail.com.

⁶Gestor e Educador Ambiental, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, vidanocampus.uff@gmail.com.

local e população, revela ações, crenças, marcas que fizeram parte da constituição de como se dão as relações consigo, com os outros e com o ambiente no presente. É algo do passado que ganha espessura pela história e tempo, permanecendo. Alguns exemplos de patrimônio brasileiro são os quilombos, as diversas línguas existentes, artesanatos de tribos indígenas, a capoeira, os primeiros prédios de escolas no país, algumas paisagens e fontes de águas naturais. A necessidade de definir o que é patrimônio justifica-se pela emergência de conservação e da fidelidade com o passado que se presentifica, ou seja, o passado tem algo a revelar (BENJAMIN, 1987).

Os exemplos de patrimônios resistem hoje no dia-a-dia das pessoas, não apenas como memórias de um passado, mas como constituintes da vida cotidiana e presente. Há um patrimônio que não é apenas passado, como também, se não estiver presente todos perdem a possibilidade de existir. Esta é uma relação que não se restringe ao tipo de patrimônio que iremos abordar, pois o extermínio de locais e traços intrínsecos a algumas culturas, como a língua, pode gerar a impossibilidade de existir desses povos, que perdem os traços constituintes de história e de presença. Assim, o patrimônio que trazemos como possibilitador de nossas existências é o patrimônio natural, e que por isso é interesse de conservação de todos os humanos.

Tal como a escola, a natureza também é lugar de memórias, pesquisa e experiências. Ultimamente sendo mais lugar de pesquisas científicas do que das demais atividades. Cientificidade que preza a neutralidade e uma relação de separação entre sujeito e objeto, que podem ser entendidas, respectivamente, como uma não observância dos determinantes sócio históricos dos problemas ambientais, e uma separação entre homem e natureza. Essas formas de relação têm estreita ligação com o modo de subjetivação capitalístico (GUATTARI, 1990), que perde de vista a interação humano-ambiental comum à existência. O trecho abaixo aborda a catástrofe existencial efeito desta interação destrutiva:

“Esta catástrofe é antes do mais existencial, afetiva, metafísica. Reside na incrível estranheza do homem ocidental em relação ao mundo, estranheza que exige por exemplo que ele se faça amo e possuidor da natureza – só se procura dominar aquilo que se teme.” (COMITÊ INVISÍVEL, 2015).

Devido à estranheza do homem com relação à natureza, colocamo-nos nesta posição de donos e exploradores de até o último recurso desta. Vendo muitas vezes a

natureza como algo muito divergente ao humano, como mero objeto a ser apropriado e mercantilizado.

Najjar cita Preucel e Hodder ao explicitar o papel da Educação Patrimonial na transformação do passado morto, desumanizado, um mero objeto a ser estudado, em passado vivo, em meu passado ou em passado de pessoas como eu (NAJJAR, 2010). Interpretamos tal educação voltada ao patrimônio cultural, histórico e natural, podendo ser expandida para uma transformação do patrimônio em presente. O patrimônio como local de ocupação, movimento e vida, que precisa de presença para se manter vivo e conservado, revelando os traços históricos que nos constituem hoje e continuam a ser escritos.

Segundo o coordenador, Carlos Delphim, do Departamento de Proteção do IPHAN-RJ (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), as ações de preservação do patrimônio natural justificam-se pelo interesse e dependência do homem com os recursos da natureza sem os quais não pode subsistir. E pelo respeito e solidariedade que o homem, única criatura capaz de conhecer e compreender os fenômenos materiais e imateriais do universo, deve a todos os seres que o rodeiam, sobretudo as diferentes formas de vida com as quais compartilha o espaço tempo.

As ações são voltadas a monumentos naturais, sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que foram dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana (DELPHIM, 2004). Mais do que beleza natural, a natureza é provedora de vida, de bem-estar e saúde, sendo inegável voltarmos os olhos não apenas para preservá-la, mas conservá-la. Uma vez que preservar implica em integridade, intocabilidade e perenidade, enquanto conservar em proteger, garantindo a sustentabilidade e a interação humano-ambiental consciente, conservando a existência natural para a perpetuação da vida de todas as espécies.

É urgente a percepção da natureza como parte integrante e possibilitadora de nossa existência, sendo um local de experiências, muito mais do que experimentos, de saberes e conservação, um local de marcas da história e de lutas do presente. O primeiro passo para a provocação desta mudança no paradigma homem-natureza é o estímulo da interação dos homens com os ambientes naturais, o que é um desafio na sociedade do capitalismo

Realização



mundial integrado em que os homens vivem apartados em seus locais higienizados e climatizados, interagindo entre telas, em que os espaços são cada vez mais asfaltados e apertados.

O desafio é promover tal interação para que os humanos percebam a inter-relação e a necessidade mútua entre homem e natureza e os benefícios que essa relação produz. A partir dessa sensibilidade, poderão se tornar multiplicadores de ações de conservação da natureza, que deveria ser como um todo nosso patrimônio natural (não apenas áreas demarcadas por especialistas e instituições).

A infância produz traços de constituição subjetiva que nos permeiam durante toda a vida (ROSSETT-FERREIRA, AMORIM, SILVA & CARVALHO, 2004). É também o período do desenvolvimento humano, em que adquirimos a fala e modos de nos relacionar em pares. Emergindo-nos como pesquisadores que tiveram infância, reconhecemos a potência de acontecimentos que ocorreram em nossa infância, como guardamos memórias, sensações e aprendizados. A expressão de um grande poeta brasileiro revela a presença, desde criança, da relação com o ambiente e como, após anos, permanece no autor a sensibilidade e a felicidade dessas experiências:

“Prezo a velocidade das tartarugas mais do que as dos mísseis. Tenho em mim esse atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso.” (BARROS, 2003).

A Educação Ambiental foi definida pela lei n° 9795 do Congresso Nacional como “componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.” (BRASIL, 1999). Fundamentando assim, o aporte legal de uma educação integrada com a natureza e a interação humano-ambiental sensibilizada, não apenas na Educação Infantil, mas em todos os níveis do processo educativo.

Outra base para o aporte legal dessa educação voltada tanto para a valorização e respeito da natureza, quanto da vida humana, ambos relacionados com a valorização de nossos patrimônios, encontra-se na Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, publicada em 2009:

“Com isso elas podem e devem aprender sobre o valor de cada pessoa e dos diferentes grupos culturais, adquirir valores como os da inviolabilidade da vida humana, a liberdade e a integridade individuais, a igualdade de direitos de todas as pessoas, a igualdade entre homens e mulheres, assim como a solidariedade

com grupos enfraquecidos e vulneráveis política e economicamente. Essa valorização também se estende à relação com a natureza e os espaços públicos, o respeito a todas as formas de vida, o cuidado de seres vivos e a preservação dos recursos naturais.” (BRASIL, 2009).

A Revisão indica também que as crianças precisam “brincar em pátios, quintais, praças, bosques, jardins, praias, e viver experiências de semear, plantar e colher os frutos da terra, permitindo a construção de uma relação de identidade, reverência e respeito para com a natureza”. É nesse movimento que trazemos como exemplo a ação do Programa de Extensão Universitária Vida no Campus intitulada “Aves e Árvores: Os Passarinhos do Campus”, que objetiva com a educação ambiental, sensibilizar crianças, promovendo a conservação de espaços verdes.

Objetiva-se com esse trabalho, justificar a importância do desenvolvimento da percepção e sensibilização com relação à natureza e a interação humano-ambiental durante as primeiras etapas do desenvolvimento humano, a partir das leis apresentadas e da análise da ação de educação ambiental com crianças, realizada pelo Programa Vida no Campus. Além de relacionar os resultados desta ação, com outros estudos, que atestam os efeitos positivos da relação criança-natureza.

METODOLOGIA

A base metodológica é a pesquisa intervenção e análise qualitativa da ação de Educação Ambiental, realizada na Unidade de Educação Infantil UFF, pelo Programa de Extensão Universitária Vida no Campus. Também levantamento bibliográfico no site criancaenatureza.org.br (CRIANÇA E NATUREZA, 2018).

A educação ambiental acontece na Unidade de Educação Infantil do Campus Gragoatá-UFF semestralmente com crianças de 4 a 6 anos. Uma reunião é realizada na escola, em que a proposta é apresentada, sendo replanejada com professores e técnicos. Instala-se, em dia combinado, uma exposição fotográfica com 15 das aves existentes no Campus.

Após uma semana de exposição, é apresentado para as crianças e professores o vídeo "Aves e Árvores do Campus". Neste, as crianças assistem por meio do aparelho de

televisão, um vídeo realizado por uma aluna e um professor da graduação, que mostra as diferentes espécies de árvores do campus, além das paisagens existentes.

Após assistir o vídeo, as crianças são levadas para um passeio na área verde próxima a Unidade de Educação Infantil, observando as aves e árvores, algumas nativas da mata atlântica, que viram no vídeo. As informações obtidas na exposição e no vídeo, combinada com atividades, que acontecem na área verde do campus universitário, são fundamentais para o desenvolvimento da atitude ecológica. No passeio destaca-se a importância das árvores enquanto habitat da avifauna e há estimulação do contato sensorial/corporal com o ambiente. Ainda na área verde, as crianças falam da experiência com o ambiente e se expressam artisticamente através de desenhos, baseados no vídeo, na exposição e no passeio de observação.

As expressões e desenhos, além de um texto feito em grupo com a turma de crianças e as professoras, são base para a análise qualitativa da atividade. Com esses, é possível analisar o nível de sensibilização dos participantes com relação à natureza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na atividade apontam para a melhoria da percepção ambiental das crianças, o desenvolvimento das funções psicomotoras, maior autonomia de atitudes em áreas com vegetação, maior sensibilidade e entendimento dos processos de preservação ambiental e equilíbrio da fauna e flora. Segue abaixo foto da atividade e do efeito sensível expresso pelas crianças, após a atividade, em conversa com a professora.



Imagem 01: Crianças e orientadores sentem o vento durante passeio ecológico. Área verde do Campus Gragoatá.

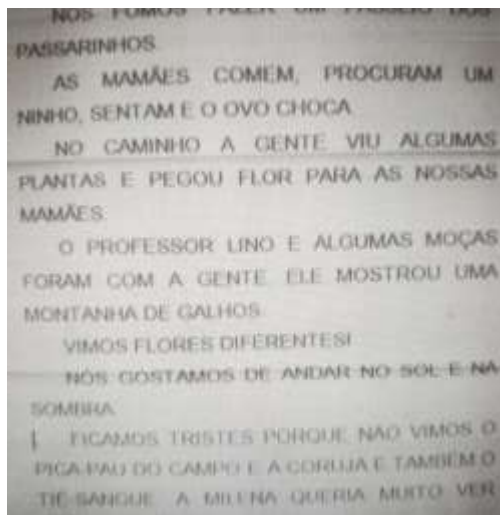


Imagem 02: Crianças se expressam coletivamente sobre a atividade. UEI-UFF.

Após a atividade chega-se à conclusão:

“As expressões de alegria surgidas do contato com o “lugar onde moram os passarinhos” e com a presença destes, em vários pontos do passeio, mostraram a motivação das crianças para o aprendizado. Os resultados obtidos com essa atividade indicam a importância da existência de um bosque no Campus. Ele pode e deve funcionar como local para práticas de sensibilização, ensino e extensão e para a preservação ecossistêmica do habitat de animais silvestres.” (WERNECK, 2014).

Outro estudo que afirma a importância de atividades com crianças é o artigo de Luana dos Santos Raymundo e Ariane Kuhnen, intitulado “A psicologia e a educação ambiental”. As autoras atestam que atividades com crianças, além da alegria, bem-estar e aprendizagem, permitem torná-las participantes vivos na causa da preservação ambiental. No mesmo artigo, citam a pesquisa de Farmer e colaboradores, realizada no Tennessee, nos Estados Unidos, em que examinaram os efeitos a longo prazo de um passeio e vivência à uma reserva ambiental, feita por crianças da quarta série do ensino fundamental.

“Seus resultados sugerem que, um ano depois da vivência, muitos alunos ainda se lembravam do que tinham visto e ouvido e demonstravam um comprometimento pró-ambiental, os pesquisadores então discutem a efetividade de programas educativos que investem nas experiências práticas das crianças com os ambientes.” (RAYMUNDO & KUHNEN, 2010).

Tais resultados, são reafirmados com os dados obtidos no artigo “Nearby Nature: A Buffer of Life Stress among Rural Children” (Natureza nas proximidades: Um

amortecedor da vida estressante entre as crianças da zona rural) de Nancy M. Wells e Gary W. Evans, publicado em 1 de Maio de 2003. O artigo conta com uma revisão bibliográfica de estudos que abordam a correlação criança-natureza, entre eles o realizado por R. C. Moore em 1986, que pedia a crianças entre 9 e 12 anos que desenhassem os seus lugares preferidos, constatando que 96% das crianças desenharam lugares ao ar livre; também o realizado por Sebba em 1991 que pedia para adultos descreverem seus lugares prediletos da infância e 97% responderam com lugares ao ar livre. A pesquisa realizada no artigo conta com 337 crianças entre 3 e 5 anos que viviam em pequenas cidades rurais do norte do estado de Nova Iorque; a partir do métodos de testagem chegou-se a conclusão de que o impacto de estresse era menor entre as crianças com altos níveis de natureza próxima, comparado aquelas com pouca natureza ao redor, evidenciando positivos aspectos subjetivos da interação criança-natureza (WELLS & EVANS, 2003).

Além desses pesquisadores norte-americanos, educadores alemães em pesquisa sobre os ambientes residenciais de crianças, defendem que uma infância feliz depende da qualidade dos espaços (BLINKERT, B.; WEAVER, 2015). Não no sentido de serem locais planejados, mas locais em que as crianças possam se apropriar e transformar; por exemplo com restos de materiais, entendendo que as crianças precisam de coisas para brincar e não só de brinquedos prontos. A quantidade de tempo que as crianças brincam ao ar livre sem a supervisão de um adulto foi investigada por Blinkert e Weaver, e se correlacionou com a qualidade dos ambientes residenciais infantis. As crianças que não podem brincar livremente podem sofrer limitações no seu desenvolvimento físico, social e cognitivo.

CONCLUSÕES

O fato de trazermos estudos realizados em diferentes países, no Brasil, Estados Unidos e Alemanha, evidencia a relevância, globalidade e interesse a todos os seres humanos ao tema em questão: a interação entre humanos e a natureza, desde a infância. Tal relevância é reafirmada com as leis brasileiras sobre educação ambiental e patrimônio natural apresentadas.

A sensibilização das crianças durante a atividade na Unidade de Educação

Realização



Apoio



Infantil-UFF, assim como seus resultados, indicam a importância da continuidade dessas experiências em áreas verdes, e a existência de um local, como um bosque, no campus universitário, para que sejam desenvolvidas práticas de sensibilização, ensino e extensão.

Conclui-se que a educação ambiental e a valorização do patrimônio natural, produzem multiplicadores de ações de preservação. Mas isso não se dará sem os estímulos apropriados ao desenvolvimento humano, desde a infância, que levem a percepção de que o equilíbrio natural é responsável pela manutenção e possibilidade da vida nos territórios presentes.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas – A Infância**. São Paulo: Planeta, 2003. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLINKERT, B.; WEAVER, E. **Residential Environment and Types of Childhood**. *Humanities and Social Sciences*. Vol. 3, No. 5, pp. 259-268, 2015.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei no 9795, de 27 de Abril de 1999**: Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF, 27 abr. 1999

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 11 nov. 2009.

COSENDEY, Daniel et al. **PROGRAMA VIDA NO CAMPUS: 20 ANOS DE AÇÕES EDUCATIVAS NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO**. Artigo XV Congresso Nacional do Meio Ambiente. Niterói, 2018.

CRIANÇA E NATUREZA. **OS BENEFÍCIOS DE BRINCAR AO AR LIVRE**. Disponível em: <<https://criancaenatureza.org.br/>> Acesso em: 15 de junho de 2022.

DELPHIM, Carlos. **O Patrimônio Natural no Brasil**. IPHAN-RJ. Rio de Janeiro, jan.2004.

FARMER, J.; KNAPP, D. & BENTON, G. **An elementary school environmental education field trip: Long-term effects on ecological and environmental knowledge and attitude development**. *The journal of environmental education*, 38(3): 33-42, 2007.

GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. 1ª Ed. Campinas: Papirus, 1990.

INSÍVEL, Comitê. **Aos nossos amigos**. Brasília: EdLab Press Editora Eirele, 2015.

NAJJAR, Jorge. **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E IDENTIDADE: ALGUMAS QUESTÕES**

Realização



EM DEBATE. In: CARNEIRO, Waldeck et al. Movimentos instituintes em educação: políticas e práticas. Niterói: Intertexto, 2010, p. 141-153.

RAYMUNDO, Luana; KUHNEN, Ariane. **A PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Florianópolis: Revista de Ciências Humanas, Volume 44, Número 2, pp. 435-450, out. 2010.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Katia; SILVA, Ana Paula & CARVALHO, Ana Maria. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

WELLS, Nancy; EVANS, Gary. **Nearby Nature: A Buffer of Life Stress among Rural Children**. Environment and behavior. Sage Journals, Volume 35, issue 3, pp. 311-330, may 2003.

WERNECK, Liorno; PINHEIRO, Dalva et al. **AVES E ÁRVORES. OS PASSARINHOS DO CAMPUS: SENSIBILIZAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM CRIANÇAS E A PRESERVAÇÃO DE ESPAÇOS VERDES**. Artigo XIV Congresso Nacional do Meio Ambiente. Niterói, 2014.

Realização



Apoio

